

# Últimas palavras: entrevista realizada no dia 04 de agosto de 1998\*

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino<sup>1</sup>  
Paulo da Terra Caldeira<sup>2</sup>

*Entrevista realizada em 4 de agosto de 1998, em Belo Horizonte, com a Professora Etelvina Lima, onde ela discorre sobre as atividades profissionais como professora e bibliotecária da UFMG, e em outras universidades e bibliotecas do país.*

Desde 1995, a Universidade Federal de Minas Gerais vem desenvolvendo o Projeto: UFMG Memória & História, coordenado pela Professora Maria Efigênia Rezende Lage. Como parte desse projeto recebi do Professor Paulo da Terra Caldeira, coordenador do mesmo na Escola de Biblioteconomia da UFMG, o honroso convite para entrevistar a Professora Etelvina Lima, fundadora do Curso de Biblioteconomia, sobre esta unidade da UFMG e por extensão, sobre os alicerces da biblioteconomia em Minas e no País e sobre sua própria vida, pois esses assuntos estão todos entrelaçados.

A entrevista foi realizada no dia 4 (quatro) de agosto de 1998, tendo por base o roteiro elaborado pelo Prof. Paulo. A Profa. Etelvina Lima nos recebeu, a mim e à Profa. Marluce S. C. Moreira, com a maior gentileza e disponibilidade, como era do seu feitio, demonstrando grande prazer em falar da sua vida. Esse ato de abrir a casa e o coração, revelar com entusiasmo os segredos dessa profissão pouco reconhecida ao longo do tempo, dividir com tantos a sua experiência, sempre foi uma característica da Profa. Etelvina.

Ao fazer um balanço geral de suas atividades, com a alegria do dever cumprido, falando ora com veemência ora com serenidade, algumas vezes com fina ironia, a Prof<sup>a</sup>. Etelvina nos diz simplesmente que *combateu o bom combate*.

Inteligente, estudiosa, grande observadora da vida, das pessoas e das circunstâncias, culta, corajosa, bem humorada, preocupada com as questões realmente relevantes, soube extrair, da curiosa trama que durante a vida foi tecendo através de uma vasta experiência nacional e internacional, o que havia de melhor, para tornar menos pobre o seu estado e o seu país.

A predileção pelas bibliotecas públicas e escolares revela isso. Soube, como poucos, antecipar o futuro, mantendo vivas as lições do passado e conhecendo bem o chão onde pisava naquele momento.

\* Entrevista concedida ao projeto de pesquisa UFMG – Memória & História, em 4 de agosto de 1998, em Belo Horizonte, MG. Pesquisadores: professores Maria Augusta da Nóbrega Cesarino e Paulo da Terra Caldeira. Bolsista de Aperfeiçoamento: Marluce S. C. Moreira.

<sup>1</sup> Professora aposentada da Escola de Ciência da Informação da UFMG

<sup>2</sup> Professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG





os Estados Unidos (a Lúdia de Queiroz Sambaquy e uma irmã dela, que foi também, mas não trabalhou no setor). Elas foram fazer o curso na University of Columbus, voltaram e criaram o curso em São Paulo. A Lúdia cuidou da reforma do curso da Biblioteca Nacional.

**MA:** E o curso que a Senhora fez em São Paulo, como era o currículo e o que se estudava?

**EL:** Era um curso mais voltado para a nova técnica de biblioteconomia, um curso que tinha um currículo técnico, de organização e administração de bibliotecas, catalogação, classificação, bibliografia e referência, história do livro e das bibliotecas. Essa é uma passagem interessante. Era um curso que adotou o código de catalogação da *American Library Association*, instituição formada no fim do século XIX, que elaborou o código e fez associações. No Rio de Janeiro, quando a Lúdia voltou, era Presidente do DASP o Doutor Simões Lopes e ele era anti-americanófilo completo. Lúdia me explicou depois. O fato é que eles adotaram então o *Código de catalogação da Biblioteca Vaticana*. Deveria ser quase a mesma coisa, mas não era, porque o da Biblioteca Vaticana, apesar de ter sido feito por americanos, tinha a finalidade de catalogar aquela biblioteca, que possuía muita obra clássica e principalmente vida de santos. O código da Vaticana se preocupava demais com cabeçalho, com nome de autores, bispos, santos, uma série de coisas. Interessante é que ele foi feito por americanos também. Eu perguntei à Lúdia por que ela tinha escolhido esse código, pois a Lúdia é uma pessoa, uma bibliotecária de uma visão enorme! Ela falou: - Olha, foi o jeito que eu consegui, porque o Simões Lopes não aceitou o código americano, o código da Vaticana foi feito por americanos mas era diferente! Quer dizer, ela pensou do lado prático. Bom, os dois cursos foram crescendo. O curso de São Paulo teve o patrocínio da Fundação Rockefeller, que concedia bolsas de estudo. Eu fui da segunda turma. Quem dirigiu o primeiro, além do Professor Rubens Borba, foi Dona Adelfa Figueiredo e eles conseguiram bolsa para uma funcionária da Bahia. A primeira bolsista foi uma bibliotecária muito conhecida no país, a Bernadete Sinai Neves, que não teve um fim muito brilhante porque ficou doente da cabeça, mas ela era tão inteligente!... Convidaram também uma bibliotecária do Rio Grande do Sul, Sully Brodbeck. A gente assumia quase que um compromisso de divulgar a biblioteconomia, fundar um curso.

**MA:** O curso era de quantos anos?

**EL:** O curso era de um ano letivo.

**MA:** E ao terminar, a senhora tinha o compromisso de voltar para Belo Horizonte?

**EL:** Eu voltei, era funcionária da Prefeitura. Mas o prefeito já era outro. Quando fui era o Juscelino Kubitschek, uma pessoa de visão, e daí encontrei muita dificuldade aqui em Belo Horizonte. Quando perguntavam (eu ia muito a festas), que curso eu havia concluído, eu respondia: *biblioteconomia!* - Nossa! Eu nunca ouvi falar nisso, bibliotecomania... [risos]. Levou tempo para eu trabalhar na Biblioteca Pública, ainda com Menegale, mas não podia fazer nada, sozinha... Mas fiquei muito aflita e arranjei um contrato.





do Livro, Cacilda Basílio de Souza Reis, bibliotecária, veio para cá porque o marido foi transferido para Belo Horizonte. Éramos duas professoras, eu e a Cacilda. Mas, nesse tempo, o Frieiro, que era professor de história do livro, foi trabalhar conosco também. A Cacilda recebia salário, o Frieiro e eu, não. A Professora de literatura brasileira era a Henriqueta Lisboa. Depois, o curso teve que sair da Associação Médica. Quem arranhou lugar para ele foi o Professor Arthur Versiani Velloso, que liberou uma sala no Edifício Acaiaca. Depois, quando construíram o prédio da Faculdade de Filosofia, ele nos emprestou uma sala no porão do prédio antigo, onde hoje funciona o Teatro Universitário. Então, fomos para lá e, conversando com o Velloso, falei : - Olha, Professor, eu estou precisando de uma disciplina nesse curso porque tem casos até cômicos. Quando se vai dar aulas de classificação, os alunos não sabem como classificar os livros. Eu falei assim porque eu também não sabia o que deveria falar. Ele respondeu: - Ah!... Estou entendendo o que a senhora está falando! E se ofereceu para dar aula de graça! Aliás, todos nós ministrávamos aulas de graça porque o Instituto não dispunha de verba e só três professores recebiam no final do ano e os outros, quase nunca. O curso ficou lá e o Orlando de Carvalho foi eleito Reitor. Ele costumava me visitar e descobriu que estávamos no porão. O meu arquivo de dar aula, pergunta qual era ?.... O arquivo era um baú de couro, do governo americano. A primeira viagem que eu fiz à América do Norte, eles mandaram as minhas coisas dentro daquele baú. O Orlando assentava-se no baú e ficava lá fazendo hora e, quando mudou para Pampulha, nos convidou.

**EL:** Onde é que eu estava?! Acho que eu estou falando muito comprido!...

**MA:** Voltando à passagem do curso para a Universidade de Minas Gerais.

**EL:** Sim... Aí, o Professor Orlando de Carvalho sugeriu que o curso se transferisse para o prédio da Reitoria, onde só funcionavam setores da administração da Universidade.

**MA:** Já na Pampulha?

**EL:** Sim. E convidou também o Serviço Central de Informações Bibliográficas – SCIB, que era um serviço vinculado ao IBBD, nome antigo do IBICT, do qual era chefe a Vera Amália A. Macedo. Então fomos para lá para encher o prédio, fomos ficando e o Curso de Biblioteconomia foi anexado ao Departamento de Cultura da Reitoria. Posteriormente, na época da Revolução, a Professora Maria Martha de Carvalho conseguiu transformá-lo em Unidade da Universidade. Foi um processo bem tumultuado.

**MA:** E a senhora sabe quais as pessoas que se distinguiram neste reconhecimento do curso como unidade da UFMG? Professores da época... Diretores... ou o próprio Reitor ? Na época, o Reitor era o Professor Aluísio Pimenta, não?

**EL:** Era, mas isso foi já no tempo da Revolução.

**MA:** Alguns professores se empenharam mais no reconhecimento do Curso, como Unidade da UFMG?

**EL:** Esse reconhecimento se deve à Professora Maria Martha de Carvalho, que teve a colaboração da Secretária do Curso, a Nara Maldonado de



ficamos em sobressalto; não sabíamos para onde tinham ido, parece que ficaram detidos alguns dias. E nós, fomos ficando lá. Cada dia era um que seria preso: agora é fulano! O Anísio não pôde voltar, não deixaram. Já havia sido designado um Reitor que veio de São Paulo. Mas o coitado tinha tanto medo dos professores, que vivia embriagado. Estou falando isso, porque é verdade.

**MA:** Era um Reitor-Interventor?

**EL:** É. Foram ficando os Reitores-Interventores e foram afastando os professores... Havia um quadro docente excelente, professores que trouxeram até do exterior. Por exemplo, o Prof. Salmerom, que era um químico de renome, que estava trabalhando na Suíça. Darcy Ribeiro convidou-o para trabalhar conosco. O homem era católico apostólico romano, não sei se tinha seis ou sete filhos, e cumpridor dos deveres. Foi chamado para depor. Então, foi ficando uma situação muito ruim e o Reitor se escondia.... [ri]. Uma vez os coordenadores foram à casa dele, e disseram que ele precisava tomar alguma providência. Ele disse: - A Universidade sou eu!... Pensou que era o Rei Luiz XIV!... [irônica] [risos]. Então, fizeram várias reuniões dos coordenadores e o pessoal resolveu pedir demissão coletiva. Nessa época, o Prof. Laerte Ramos de Carvalho ainda era o Reitor. E, com exceção de pouquíssimos professores, parece que foram 26, todos os outros se demitiram. E isso nos causou certos problemas na vida futura, na vida administrativa. Eu sei que o SNI tinha minha ficha.

**MA:** É. Nós sabemos!

**EL:** [risos] Porque.... eu não fui ver, nem quero ver, já passou! Mas prejudicou-me um pouco, porque não consegui ser Diretora da Escola. Fui escolhida, mas não pude tomar posse. Depois, quando o Professor José Fernandes foi para a Secretaria de Educação, ele me convidou para trabalhar com ele. E eu não fui aceita. O Prof. Hugo Amaral e eu não podíamos ser contratados. Ele fechou questão com o Governador, que era o Aureliano Chaves, e, se nós não fôssemos contratados, ele também não integraria o governo.

**MA:** Era o MEC que vetava o nome da senhora para Diretora da Escola?

**EL:** Devia ser o SNI, que dava informação contra. Mas nunca me prejudicaram porque nunca me proibiram de ir para o exterior. Em 65 eu estava tão aflita lá na Universidade de Brasília que voltei para a Biblioteca Pública, onde era funcionária e para a Escola. Mas não me deram serviço na Biblioteca Pública. Eu ficava o dia inteiro desocupada. Acabei por perceber que poderia me aposentar e o fiz. Continuei na UFMG. Mas fiquei tão aflita naquela ocasião que assinei um contrato de trabalho nos Estados Unidos. Passei um ano trabalhando na Biblioteca Universitária do Queens College.

**MA:** A senhora já havia feito outros estágios nos Estados Unidos?

**EL:** Já! Tinha feito o primeiro estágio no Departamento de Estado Americano para Bibliotecas Públicas. Passei quatro meses na Biblioteca de Oklahoma City e dois meses viajando, visitando bibliotecas públicas nos Estados Unidos. Na verdade, esse negócio todo não me prejudicou em nada! Pelo



contrário! Fui trabalhar um ano em Nova Iorque e foi muito divertido e.... então, não foi assim, um prejuízo grande. A Diretoria da Escola também não foi prejuízo para mim.

**MA:** Foi para nós!

**EL:** Não! Não foi, porque a Diretora que ficou no meu lugar trabalhou bastante! Tinha boas conexões na Reitoria... E a Escola progrediu!

**MA:** A senhora continuou corajosa, apesar de tudo?!

**EL:** Corajosa eu nunca fui!...

**MA:** Foi! Como não?! [risos]. Na ocasião da minha prisão a senhora foi de uma coragem muito grande! Poucos diretores fizeram o que a senhora fez!

**EL:** Nunca vi uma idiotice tão grande como aquela!... [risos]. Maria Augusta foi parar na cadeia do DOPS. Ela e o secretário da Escola.

**MA:** E como foi a interferência da senhora nessa situação?

**EL:** Não teve interferência alguma!... Eu fui lá visitar... [ri]. Cheguei e falei assim: - Sou a diretora da Escola e queria saber se os meus professores não estão sofrendo constrangimento. Ele falou: - Senhora! Eu falei com ele: - Não! Porque a gente fica sabendo que quem vem para cá *apanha!*...[ri]. Ele ficou...todo sem graça! - A senhora pode conferir, eles estão bem! E quando chegou o dia de soltar os dois, mandou me chamar, para que eu presenciasse que eles estavam inteiros! [risos]. É divertido!...

**MA:** E depois, a senhora mesmo, como professora, aceitou ser testemunha de defesa no julgamento em Juiz de Fora.

**EL:** Podia ser o contrário?!

**MA:** [ri] Considerando o seu perfil, não!

**EL:** Não podia ser o contrário! Ninguém poderia cometer uma bobagem dessa! Agora, eu ia compactuar com isso?! ..

**MA:** É! Mas era uma prisão na qual as pessoas tinham muito medo de se expor...

**EL:** Todo o mundo tinha medo!...

**MA:** Era a época do DOICODI....

**EL:** Naquela ocasião, na Escola de Medicina, foi uma coisa *horrível!* O papel do diretor. Eu não pensei em conseqüência, não! Achei que era a minha obrigação e fui! E fui malcriada!

**MA:** É! E foi malcriada!...[risos]. Agora, antes de falarmos no curso da UFMG, o nosso curso, eu queria que a senhora situasse o mercado de trabalho na década de 50 e 60. Como eram os primeiros formandos... A existência de um curso superior alterou alguma coisa no mercado de trabalho? Esse mercado demandava um profissional de nível superior?

**EL:** Olha, não sei! Quando resolvi fazer esse curso aqui, não tinha noção, por exemplo, de *marketing*. Mas acontece que tive uma idéia. Redigi ofícios no papel timbrado do Instituto Nacional do Livro e eu mesma datilografava! E eu até sei de cor o texto do ofício, de tanto que bati!... E mandei para todos os Diretores de Unidades das Universidades, como a Católica e outras. Mandei para Diretor da CEMIG, da USIMINAS... Mandei para uma porção de gente! Falando da criação do curso, constava do ofício: - Desnecessário será afirmar a Vossa Excelência a importância das bibliotecas para as





do novo Secretário e eu estava trabalhando com o senhor com o maior prazer, com a maior honra para mim, mas não vou ficar aqui, entregue à política. Eu estava de licença na Escola...

**MA:** E aí, a senhora retornou para a Universidade?

**EL:** Não! Eu não saí de lá, não! Mas, parei de dar aulas.

**MA:** E a passagem da senhora pelo Paraná?

**EL:** Eu era funcionária do Instituto Nacional do Livro! O Governo do Paraná ia comemorar o centenário da emancipação política do Estado e a Lúcia Sambaqui conseguiu influenciar o Governador de lá, que ela conhecia, porque ele foi deputado federal, para que constasse como parte da comemoração construir uma biblioteca pública. Então, assinaram um acordo com o Instituto Nacional do Livro. O INL primeiro pensou em mandar... o Edson Nery da Fonseca e a Míriam Gusmão. Mas os dois não gostaram do clima! Eram de Pernambuco... Então, eles me telefonaram perguntando se eu aceitava. Eu estava numa época meio desorganizada, minha mãe havia falecido e... nem pensei duas vezes e fui para lá. Fui com a incumbência de preparar o pessoal para a biblioteca. E uma bibliotecária, funcionária da Lúcia, foi trabalhar na organização da biblioteca. Ficamos lá dois anos. No fim, queriam que eu continuasse. [ri]. Eu também não quis... E a Francisca Buarque de Almeida ficou mais um ano, não deu conta e veio embora. Mas já havíamos criado o curso, que foi incorporado à Universidade, através do Flávio Suplicy de Lacerda, que era Reitor perpétuo de lá!

**MA:** [ri] Quer dizer que a senhora participou, então, do início de três cursos: de Minas, claro! De Brasília...

**EL:** De Brasília, não. O de Brasília, quando eu fui, já estava funcionando.

**MA:** Mas, estava muito no começo? Ele estava se fixando na Universidade?

**EL:** Estava.

**MA:** E... em Brasília ele começou já na Universidade?

**EL:** Sim.

**MA:** E no Paraná, também, a senhora participou no início do Curso?

**EL:** Participei da criação. Funcionava junto ao ICBEU! Do Consulado Americano. No Rio é IBEU. E lá, era no ICBEU; eles emprestaram a sala. Mas era do Governo do Paraná. Quem foi fazer o curso eram só professoras, para formar o primeiro quadro de pessoal da biblioteca. Elas passaram a trabalhar com a Francisca, na preparação da coleção. Existia uma biblioteca antiga, do século passado, e eles iam basear a coleção naquele acervo. Eu acabei indo trabalhar também na organização da biblioteca.

**MA:** Quer dizer, que a senhora deixou sua influência não só nesses três cursos, mas na Biblioteca do Paraná, na Biblioteca Central da Universidade de Brasília?! E, em Belo Horizonte, não só na Biblioteca Pública, na Rede de Bibliotecas do Estado, do SESI, mas na Rede de Bibliotecas da Universidade Federal também, não é?!

**EL:** É, de certo modo.

**MA:** A tese da senhora, para Professor Titular, era sobre...



**EL:** Era sobre centralização, que eu não aceitava. Como nas bibliotecas da Universidade daqui era moda falar em centralização e descentralização e os bibliotecários se encantaram com a palavra!... Aquilo era uma coisa que tinha surgido na Rússia. A centralização de tudo, como meio de funcionamento. Mas eu não *aceitava* a Universidade Federal de Minas Gerais possuir apenas uma biblioteca. A banca examinadora me questionou! Porque, afinal de contas, o que é que eu queria? Eu propus, pelo menos, duas bibliotecas separadas. Uma, da Faculdade de Medicina, e da Enfermagem, e o Instituto de Ciências Biológicas, que estava sendo construído no Campus da Pampulha.

**EL:** É. E uma biblioteca central, deixando a coleção nas Faculdades! Já pensou carregar os livros todos da Escola de Direito para lá?!

**MA:** Deixando, então, de certa forma, as bibliotecas setoriais?

**EL:** É. Sempre.

**MA:** Então, não era copiar o modelo de Brasília?

**EL:** Não. Não podia ser porque a Universidade de Brasília foi criada junto com o *campus*. Era um campus de madeira, o maior desconforto, quando fomos para lá. E era um campus único, podia ter uma biblioteca central. Como é que ia fazer uma biblioteca central na Universidade Federal de Minas Gerais? Que, aliás, como dizia o Orlando de Carvalho, eram faculdades reunidas da Universidade Federal, porque, no princípio da reunião com o Reitor, as Escolas relutaram muito em ceder suas prerrogativas e tinham orçamento próprio.

**MA:** Nesse início, Dona Etelvina, a relação da Escola de Biblioteconomia, como uma das mais novas, com as outras Escolas e Faculdades, já mais antigas, mais tradicionais, era tranqüila, era bem aceita? O trânsito era bom?

**EL:** Era. E, de maneira geral, como eu disse, só o Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas foi quem não aceitou modificação alguma. Porque, quando o Reitor Aluísio Pimenta criou a Coordenadoria de Bibliotecas, propus levar as obras de caráter geral para a Biblioteca Central e todo o mundo concordou. Houve uma certa relutância na Escola de Engenharia porque ela tinha uma coleção enorme de ficção. Eles tinham um professor, conselheiro de biblioteca, que também criou um pouco de resistência. Mas, não foi um problema invencível, não! Juntamos as coleções gerais. Deixamos um pouco de obras de referência geral, enciclopédias, dicionários... e levamos parte do acervo para a Biblioteca Central.

**MA:** A senhora teve, também, uma experiência associativa muito interessante, não foi?

**EL:** Olha, para falar a verdade, eu nunca fui muito vinculada a essas coisas de associação de classe... sempre lidei com isso, assim, meio de lado. Mas fui membro da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecas - FEBAB, que eu não sei que fim levou, criada pela Laura Garcia Moreno Russo. Outro trabalho que fiz e achei muito interessante foi no Ministério da Educação. Eu era técnica de construção de biblioteca e nunca chamavam a *assistente* técnica. E ela mandava... as universidade todas

estavam empenhadas em construir bibliotecas. Éramos eu o Antônio Miranda. O Miranda era da CAPES e, depois, passou para a Universidade de Brasília. Nós dois éramos técnicos visitantes. Visitei bibliotecas do Belém do Pará até o Rio Grande do Sul. Chamavam a gente, íamos lá... Fazíamos os projetos, às vezes.

**MA:** Para construção de bibliotecas públicas? Não?

**EL:** Bibliotecas universitárias. Todo mundo estava querendo biblioteca central. Pela minha vontade, quando já existia biblioteca setorial, não deveria ser centralizado todo o acervo.

**MA:** A senhora também participou da organização de alguns congressos, não foi?

**EL:** Sim. No primeiro congresso de biblioteconomia, fui como participante. Do segundo em diante, me convidaram para participar da organização, como relatora. Era a relatora geral dos congressos. Ajudei a organizar o do Paraná, o de Belém do Pará, o da Paraíba...

**MA:** No de 1970, em Minas...

**EL:** Aqui nós realizamos o sexto.

**MA:** Fale um pouco da experiência internacional da senhora.

**EL:** Para mim foi muito valiosa. A primeira vez que eu viajei foi em 1955. Fui com a Lídia Sambaquy, com quem trabalhei no Paraná, e ainda não a conhecia. Eu tinha um pé atrás contra ela, porque o pessoal do Instituto Nacional do Livro não gostava dela! Pura ciúmeira!... Não era por nada, não! Ela estava lidando com o Plano da biblioteca do Paraná e eu fiquei no Setor de Ensino. Depois, ela quis me entregar a administração e, então, ela arranhou uma bolsa para mim, no Departamento de Estado Americano, em 1955. E eu passei seis meses lá. Passei quatro meses em Oklahoma City, na biblioteca pública, que sempre foi o meu maior interesse. Depois, passei dois meses visitando bibliotecas. Essa foi a primeira experiência. E não fiz curso nesse programa. Tive um seminário de dois meses e freqüentei outros seminários, reuniões de congressos, mas, quando voltei, nunca passou pela minha cabeça transportar o modelo de lá para cá. Nunca pensei que pudesse fazer uma coisa que vi no estrangeiro, aqui no Brasil, sem uma pesquisa e uma adaptação à nossa condição de vida. Isso leva a essa parte de biblioteca pública. Eu estava lendo isso e estava pensando comigo, as palavras biblioteconomia e biblioteca não fazem mais sentido na época atual. Aqui no Brasil, podemos dizer que a biblioteconomia nasceu, cresceu, mas não realizou o sonho dela. É claro que o aspecto central dela não era o livro, o biblio...

**MA:** A senhora foi várias vezes aos Estados Unidos, esteve na Inglaterra...

**EL:** Sim! Na Inglaterra obtive uma bolsa para estudar bibliotecas ambulantes. Não foi o trabalho do SESI, não. Nós estávamos comprando carro-biblioteca para a Biblioteca Pública de Belo Horizonte e para a Biblioteca Pública do Paraná. Então, fui fazer um estágio; o primeiro, de quatro meses, pelo Conselho Britânico, para visitar serviços de extensão bibliotecária. Foi interessantíssimo! Eu viajei pelo interior da Inglaterra, passava o dia com o carro-biblioteca, no interior. Foi muito proveitoso! Foi



depois que chegamos aqui que a Biblioteca Pública ganhou seu carro-biblioteca. [ri]. O Juscelino era Presidente! Ele sempre ajudando! Ele comprou o carro para a Biblioteca Pública. O Paraná pleiteou, mas não ganhou todo, não! Eles ganharam a carcaça. Mas, aí, foi o Ministro da Educação que, aliás, era o Júlio Sambaquy, marido da Lídia. Ele deu parte do carro para eles, mas sem montar. E o nosso já veio pronto. E eu fui a São Paulo para escolher o interior do veículo e a experiência da Inglaterra foi muito importante, porque pude desenhar as estantes... Eu me lembro que o homem discutiu muito comigo, porque pedi a prateleira um pouquinho inclinada para trás. E ele não aceitava, porque não fazia ângulo reto. Eu tive que explicar que era porque os livros iam alí, tínhamos, em princípio, uma corrente para segurar, mas o veículo ia andar por caminhos ruins e os livros cairiam. Quer dizer, tive que aprender e pude aplicar o conhecimento adquirido na Inglaterra. Posteriormente, quando fiquei só na Universidade, fiz um estágio de quatro meses na França, em bibliotecas universitárias, no Departamento de Estado. E, nessa ocasião, também, participei de um Seminário na Inglaterra. Foram 15 dias que, para mim, não tiveram muito significado. Porque eles já estavam discutindo... para mim é como se fosse o sexo dos anjos! Era a automação. Em todo o caso, quando cheguei aqui, estava na Coordenação de Bibliotecas, fizemos um estudo sobre a automação nas bibliotecas universitárias.

**MA:** Isso quando, Dona Etelvina?

**EL:** Foi em 66 ou 67. Acontece que tinha um moço na IBM aqui que se tornou seu representante para o Brasil e depois foi para a América. Começamos a conversar com ele, eu e a Vera Amália, e fizemos um estudo para automatizar o serviço. Depois, tive a oportunidade de ir visitar a Biblioteca Universitária de Belém. Eles tinham implantado um sistema de empréstimo automatizado. Mas, era tão engraçado! Era automatizado mas, ao mesmo tempo, faziam a rotina de preenchimento manualmente.

**MA:** Era manual?

**EL:** Era.

**MA:** Funcionavam os dois juntos?

**EL:** É! Eles não tinham muita confiança, não!... [risos].

**MA:** No automatizado?! E a senhora passou também pelo México, não é?! Por Cuba, pela América Latina?

**EL:** Só em Cuba. Eu fui, mas era no tempo do Fulgêncio Batista! Fui como convidada especial da Unesco. O Carlos Víctor Penna era o Presidente Regional da Unesco para a América Latina. Cargo que, parece, hoje é ocupado pela Célia Zaher. Aí, fui ao México. Mas foi só um Seminário. Não tinha nada o que ver!

**MA:** E a senhora conhece a experiência da Argentina?

**EL:** Pouca, porque fui a um congresso lá e fiquei amiga da Emília Sabor. Ela veio dar um curso para nós, a meu pedido.

**MA:** E aqui, Dona Etelvina, na Universidade Federal de Minas, a senhora também criou o curso de Pós-Graduação?

**EL:** Criei, por incumbência da Diretora, a Profa. Jandira Baptista Assumpção.

E esse curso teve muita influência de professores estrangeiros porque, nessa época, a Profa. Ana Soledade, que era minha companheira encarregada de planejar o curso, havia feito o curso de mestrado no IBICT e, depois, outro nos Estados Unidos, né?! Ainda não era o de doutorado. E, com o auxílio da CAPES, contamos com professores-consultores da Inglaterra e dos Estados Unidos, dois deles, antes do curso. Depois, conseguimos subvenção para trazer mais professores do exterior. E o currículo foi feito com a orientação desses professores americanos, dos quais eu esqueci o nome. Nós estudamos um jeito, eu sempre querendo lutar pela biblioteca pública, de ter uma parte voltada para educação em biblioteca. E a outra seria para a informação bibliográfica. Também tivemos, além desse estudo preliminar, a colaboração da CAPES, que patrocinou a vinda de diversos professores no começo do curso! Proveitoso ou não, foi bom, porque deu uma espécie de gabarito ao Curso!

**MA:** A senhora sempre teve esse tipo de preocupação em trazer experiência de fora para a Escola, não é?

**EL:** Sempre tive, porque acho que o mundo é geral. Agora, tem coisas que... como eu disse, nunca me preocupei em copiar o modelo. Isso não! Nunca! Esse pecado eu não pago! Eu via o que que eles faziam lá e procurava adaptar.

**MA:** O que a senhora acredita que vai acontecer com o livro?

**EL:** Oh, menina!... Primeiro, não que a gente acredite que o livro vá desaparecer, nunca vai. Mas, realmente, ele foi substituído, em grande parte, pela televisão, pelo audiovisual!... Então, hoje em dia, não faz sentido uma rede de bibliotecas públicas, só com livros. Tem que ter tudo! E, também, não faz sentido, porque o hábito de leitura não é mais difundido! Quer dizer, nas famílias, principalmente na parte necessitada do país, ninguém pensa nisso mais! As escolas não ensinam mais!... Quer dizer, eles não incentivam os alunos a lerem! E, então, o que encontrou mais campo aqui, realmente, foi a informação tecnológica e científica. Questão de época e do desenvolvimento do país nesse setor.

**MA:** Quer dizer, a senhora acha que hoje as bibliotecas ligadas à área científica e à área tecnológica já atingiram um patamar que as bibliotecas escolares, por exemplo, nunca atingiram? Ou não?

**EL:** As escolares, digamos, você está falando das primárias?

**MA:** É! As bibliotecas escolares, as bibliotecas públicas.

**EL:** As daqui já passaram. Na parte de informação elas estão bem! Por quê?! Porque está tudo interligado em cabos de televisão, de computação. A informática entrou no Brasil em cheio!

**MA:** Sem que a leitura tivesse representado um grande papel?

**EL:** Da educação do país...

**MA:** É verdade... Falando de leitura em biblioteconomia, a senhora criou a revista da Escola?

**EL:** Sozinha, não.

**MA:** Mas a senhora foi primeira...

**EL:** Fui a primeira. Foi na época que eu era Diretora, acho que foi, não sei não!



**MA:** Foi criada a revista da Escola?

**EL:** É. Foi criada a revista para divulgar a Biblioteconomia...

**MA:** Era quase uma revista pioneira?!

**EL:** Era a segunda do país.

**MA:** Era a segunda! A primeira foi a Ciência da Informação...

**EL:** Eu creio que sim. Não tenho certeza, não.

**MA:** Junto com a *Ciência da Informação* são as duas únicas que permanecem!

**EL:** É.

**MA:** Ao longo de quase trinta anos, mantém a periodicidade, aquela regularidade. É uma revista reconhecida no país e fora, não é?!

**EL:** É. Muito se deveu, também, a esses visitantes estrangeiros. Que, na época, nos orientaram e que tiveram contato com a Escola! E com os professores da Escola, que foram para o estrangeiro, se especializar.

**MA:** E a participação da senhora no ensino de graduação, Dona Etelvina? Como é que a senhora via o ensino de graduação?

**EL:** Eu vi que foi grande a participação da biblioteconomia no país. Primeiro, questão de alunos. Como eu disse a você, no começo, os alunos já eram profissionais. Às vezes, pessoas até um pouco mais velhas. Depois, o Curso de Biblioteconomia passou um período em que ele era chamado, de brincadeira, de *curso de espera marido*. As moças que terminavam o secundário e queriam estudar, passavam. Depois, ele foi democratizado. Mas o nível dos alunos piorou nessa ocasião, porque as pessoas que queriam entrar na Universidade procuravam o Curso de Biblioteconomia, indagavam e viam que a relação vaga/aluno era muito baixa. Então, eles entravam e saíam mais despreparados do que os primeiros alunos. Hoje, não sei como é que está. Mas acho que a Escola ainda participa com grande parte dos profissionais de primeira, fora do Estado, também.

**MA:** A Escola de Minas é reconhecida como a escola que exerce uma liderança nacional, não é? É considerada a melhor Escola...

**EL:** É. Ela já foi considerada até centro de excelência pelo CNPq mas isso, agora não é mais. Mas ela exerceu uma liderança. Isso se deveu, sempre, à seriedade da Escola, desde quando era um cursinho funcionando em um porão, até os dias de hoje. Ela é uma Escola que se preocupa com o aperfeiçoamento, com o crescimento. E o corpo docente também se preocupou, sempre, em se atualizar. Nós não podemos comparar, por exemplo, com o curso da Biblioteca Nacional. Que, no princípio, era um curso de formação mais erudita! Quando ele era só da biblioteca. Depois, ele se tornou um curso para formar bibliotecários, concedia bolsa de estudos, mas ele estagnou em todos os sentidos. Hoje, eu nem sei se ele existe. Eu sei que existe um curso na UFRJ, mas é o do IBICT, que foi para lá. Da Biblioteca Nacional, acho que acabou.

**MA:** E a senhora sempre via como importante na Escola, na formação do bibliotecário ou na concepção de uma unidade universitária, essa relação de ensino de pesquisa e de extensão? Porque, de certa forma, ao longo da vida, a senhora também fez pesquisa e fez extensão.

**EL:** Acho que isso é uma coisa até intuitiva nas pessoas. A gente nunca pode

fazer um plano de uma coisa, sem se basear em alguma informação, em algum dado, em alguma pesquisa. E a pesquisa foi iniciada no tempo em que eu ainda estava na escola, na pós-graduação, mas ela progrediu depois. Atualmente, eu sei que há grupos de pesquisa lá. Até nem sei o que é que eles estão fazendo.

**MA:** E as novas mudanças? De nome, de terminologia. Por exemplo, a Revista mudou de nome. Era a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG* e, hoje, é *Perspectiva em Ciência da Informação*<sup>3</sup>. O Mestrado começou como Administração em Biblioteca, hoje é Mestrado em Ciência da Informação, e o Doutorado, que começou recentemente...

**EL:** Isso leva àquele assunto. Antigamente, a gente ainda considerava o livro um elemento principal e que poderia ajudar na educação... Então, estudávamos biblioteconomia, que foi mudando, foi progredindo. Transformou-se em uma disciplina mais importante. Muito pouca gente lê as revistas profissionais. E há facilidade de se conseguir informação via *online*, até os vídeos. Então, a coisa foi mudando e essa questão do nome, para mim, é secundária. Se ciência da informação é mais abrangente, eu não tenho capacidade para discutir o uso da palavra ciência da informação. Eu penso que deveria ser tecnologia da informação mas... eu não tenho capacidade para dizer que isso seja uma ciência.

**MA:** E... do que a senhora viveu, na Escola, nos diversos cursos que a senhora acompanhou, a senhora acha que falta alguma coisa à formação mais global do bibliotecário?

**EL:** No princípio, eu achei. Tanto que nós criamos aqui uma cadeira que depois passou a integrar o currículo mínimo.

**MA:** Qual era?

**EL:** Tinha um nome pomposo: *Evolução do pensamento filosófico e científico!* Ministrada pelo professor que procurei, ele riu de mim bastante! Porque eu falei: - Olha aqui, eu queria conversar com o senhor pelo seguinte, a gente tem que ensinar classificação e catalogação de livros, de revistas. Mas, os nossos alunos têm uma dificuldade muito grande para localizar o assunto do livro. Então, eu queria saber o que posso ensinar? Queria criar uma disciplina que pudesse ensinar para eles onde classificar cada assunto, vinculado com o que! E ainda expliquei para ele as dez classes decimais!... Ele riu muito de mim quando falei que eu queria um cabide para pendurar as partes da ciência e falou: - Se a senhora quiser eu vou dar aula lá! E foi! E deu aula de graça uns dois ou três anos! Depois, quando saiu, mandou...

**MA:** Quem era o Professor?

**EL:** Era o Professor Versiani Velloso. Ele era Diretor da Faculdade de Filosofia! Trabalhava de graça! E, sabe, eu acho que todo esse auxílio que tive de uma porção de gente se deve ao meu atrevimento! Eu não respeitava ninguém, não! Quando queria uma coisa, eu ia lá e expunha meu pensamento! Por exemplo, o curso de biblioteconomia de Minas quem criou foi o Abgard Renault. Na inauguração de uma escola na Pampulha

<sup>3</sup> Embora afirmem que a revista *Ciência da Informação* tenha sido a primeira, na verdade elas foram publicadas no mesmo ano, sendo que a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG* foi lançada primeiro.



ele estava lá, era Secretário. Eu fui e cheguei perto dele e falei assim: - Desculpe eu estar falando com o senhor, mas acontece que fiz um curso e tinha vontade de aplicar meu conhecimento aqui. Ele falou: - Qual é o curso? É biblioteconomia, e ainda brinquei, não é bibliotecomania, não!... Ele já tinha sido Secretário do Gustavo Capanema, que eu conhecia! Falou: - Eu sei o que é isso! Apareça lá na Secretaria da Educação, às quatro horas. Marcou um dia! - Tomamos chá juntos e discutimos o assunto! Quer dizer, foi atrevimento meu! Porque eu não o conhecia!

**MA:** Então, atrevimento é uma coisa importante para os criadores, os inovadores?!

**EL:** Você tem que acreditar no que quer fazer! E ousar, para explicar! Mas eu sempre me dei bem!

**MA:** Porque a senhora, na verdade, foi uma inovadora! Participou da criação de muitas coisas que eram novas até para o mundo acadêmico! Agora, como professora, o que a senhora diria que foi importante na sua trajetória?

**EL:** O que eu aprendi, sendo professora. E outra coisa que eu achei mais importante é ver meus alunos crescerem, ultrapassar a mestra, e muito! Atingir posições de destaque! Isso, sempre, foi a minha maior alegria. E experiência é aprender com os alunos! Aprender! Eu quando fui dar a minha primeira aula, por exemplo, estava tão aflita que no meio da aula abri a minha bolsa e tirei um pente de cabelo! [risos]. Todo o mundo começou a rir e eu ri também!

**MA:** A senhora deu aula por quanto tempo?

**EL:** Ah!... Não sei! Não calculei, não! Dei por vinte e cinco anos! Às vezes, dava aula no curso do Instituto, no curso da Escola. Quando eu saí foi só para trabalhar dando aula. Foram vinte e cinco anos! Foi quando eu descobri que tinha que me aposentar!

**MA:** E a senhora quer deixar mais alguma coisa gravada para nós e para a Escola nova que está aí?

**EL:** Até hoje, sou grande admiradora da Escola! Do que ela faz, embora tenha pouco conhecimento.

**MA:** Da filha que a senhora criou?!

**EL:** É... a gente não faz as coisas sozinha no mundo! Sempre tive pessoas junto! A Escola deve muito mais à Martha do que a mim.

**MA:** É! A Escola é uma construção coletiva, não é?!

**MA:** Mas a senhora ajudou a criá-la e a levou até depois da maioridade! [risos]. A senhora está sendo modesta! [risos] Foi muito brilhante a entrevista!

***Last words: interview conducted on August 4th, 1998.***

*Interview with Professor Etelvina Lima, dated of August 4th, 1998, in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, describing her activities as a teacher and as a librarian at the Universidade Federal de Minas Gerais and in other Brazilian universities and libraries.*